

5ª PARTE

Transcrições

APRESENTANDO DOIS NOVOS LIVROS DE ARTUR EDUARDO BENEVIDES(*)

Mozart Soriano Aderaldo

Conheci-te ainda jovem, bem jovem, mal saídos ambos da adolescência em ebulição, embora controlada, daqueles tempos. Ambos oriundos de famílias cujas raízes se fincavam em Mombaça, os Aderaldos descendentes diretos da sesmeira que, em 1706, fundara a fazenda Boca da Picada, e os Benevides oriundos da Paraíba e incrustrados na nossa terra no início do século XIX. Sobre tudo nos unia, ainda, aquele dourado sonho de vencer na literatura, nas atividades intelectuais, por via da admiração que nutríamos por Alencar, José Albano e quantos outros fulgurantes figuras nas letras nacionais.

Vinhas acanhado, como acanhado eu vinha. Parafraseando o poeta, insistirei em dizer que “tinhas a alma de sonhos povoada e a alma de sonhos povoada eu tinha...” Acompanhava-te o primo Eduardo Campos, que logo abandonaria o setor poético para lançar-se, vitorioso, como contista e teatrólogo. Juntaste-te ao Grupo Clã em formação e logo todos reconheceram no teu estro um legítimo veículo da Poesia imortal, de vãos universais mas de inspiração tipicamente regional. Daí a tua querência pelo Mucuripe, decantado por poetas e escritores cearenses, pelo muito que oferece de bucólico e tipicamente regional. Laboraste, embora com tons próprios e inconfundíveis, o que quase todos, senão todos os cearenses fizeram no fluir de suas atividades intelectuais, de que é exemplo a deliciosa memorialística de Gustavo Barros, a respeito da qual meu particular amigo e velho mestre de Direito, na Faculdade do Rio, Ademar Tavares, assim se expressou: “És bem filho da terra em que nasceste, forjado o teu caráter no fogo dos seus sois, dulcificada a tua alma um favo das suas jatis. (...) Teu caráter é forte, corajoso e nobre, resistente e bravo,

(*) Palavras pronunciadas em reunião, realizada no Náutico Atlético Cearense, na qual foram entregues ao povo cearense dois novos livros de Artur Eduardo Benevides — “Noturnos de Mucuripe e Poemas de Êxtase e Aluísmo”, e “O Santo Graal e a Literatura da Idade Média”.

como os **mandacarus** e os **facheiros** que resistem às estiagens inclementes do Nordeste, e carregas um coração cheio de ternura e dos arrulhos daquelas rolas que musicalizam os poentes de Mecejana, e daqueles sabiás de **Craussanga**, que pelas Ave-Marias, dão adeuses aos dias fartos e felizes do **sertão chovido** que Deus manda!... Estás nos teus livros, porque neles está sempre o Ceará. Sua paisagem, suas aves, suas flores, seus céus, suas umarizeiras e catandubas, seus jucás, e mulungus, seus angicos, e suas umburanas, de **Mucuripe** e de **Meireles**, moram eternamente nos teus olhos, como nunca se fecharam no espelho do teu coração os lugares dos primeiros dias a cada passo lembrados (...) És um fiel e constante evocativo". Mucuripe do qual me despedi, numa nostálgica tarde de janeiro de 1934, do tombadilho de um navio do Lloyd, com o coração traspassado pelo pungente gládio da saudade, e que receberia minha exuberante saudação quando para o Ceará voltei em dezembro de 1938, daqui não mais me afastando, apesar das tentadoras oportunidades que me foram apresentadas para o meu retorno à bela e antiga capital da República, cidade que também amei extremosamente. Tem persistido forte o elo que nos prende a este chão cearense. Nossas ausências não são rápidas e lá longe aspiramos a novamente fruir os ares, a luz, o calor físico e humano desta nossa sofridora parcela do Nordeste.

Foi esse sentimento, esse amor à terra natal que me levaram a indagar anos passados:

*"Que fizeram de ti, cidade amiga?
O velho Mucuripe, tão distante,
hoje parece ali, bem arrumado,
sofisticado, quase achincalhado,
igualzinho a qualquer lugar do mundo:
E o Farol Velho, por que não mais luz?"*

Com muito mais talento e inspiração quase disseste o mesmo nestes

"Decassílabos repentinos:"

*As antigas jandaias - onde estão?
Guardadas no romance de Alencar.
Onde frondes havia, um espigão
vem erguer-se, gritante, junto ao mar.*

*Velas soltas, em vasto navegar,
Sofre a jangada o sol e a escuridão,
Nas ondas a perder-se, ou a naufragar
Se a tempestade vem como um tufão.*

*Alguém escuta estranhas sinfonias
Ou gemidos de dunas alvadias
Quando zunzem ventos pelos ares.*

*Mas no velho Farol desativado
Há lembranças heróicas do passado
Dos que foram morrer nos verdes mares.*

Semelhantemente ao que, de sua terra, disse outro filho pródigo, eufórico e feliz:

*“Lá vêm as jangadas, de velas inchadas
Bojando de vento, branquinhas no mar...
Meu Deus, minha terra! Meu Deus, vou chegar!*

Mas a tua mensagem poética não se limita, nesse inspirado livro, às evocações do Mucuripe. A secção constante de poemas de êxtase e abismo é bem a natural continuação de uma obra densa e lógica, em que às raízes da terra do berço se juntam e somam os eternos temas do amor, da noite, das madrugadas, do mar, da morte, do luar, do vento —, enfim, da Poesia e do Poeta, ou então do Êxtase do Poeta diante dos abismos e de louco pervagar. De que representa eloqüente exemplo o Réquiem-2 para Antônio Girão Barroso, nosso amigo e meu compadre, a quem Deus chamou na manhã do dia 11 de dezembro de 1990 após uma convivência conosco de mais de sessenta anos:

*Vejo-te morto, agora. Vejo o rosto
Nas estradas da ausência adormecido.
O tempo te fugiu. Estás caído
Qual folha pelo chão, sob o sol-posto.*

*Há pouco, tendo o olhar em paz tecido,
Guardavas do poema todo o mosto.
Mesmo nas horas turvas, de desgosto,
De ti nunca se ouviu um só gemido.*

*Ó belo irmão das cousas e dos seres
Que glórias não buscaste e sem haveres
Viste os sonhos em êxtase e magia.*

— *São Francisco te ampare nos seus braços
E diga a Deus, curando os teus cansaços:
“É meu irmão, Senhor. Vem da Poesia.”*

E assim como dilatas, no belo livro de versos que hoje nos é oferecido, o campo de lucubrações poéticas, juntando o vasto e rico farnel de temas locais e universais, que manipulas melhor do que ninguém, de igual modo nos é ofertada nesta inesquecível festa outra obra, esta de pesquisa, a respeito do Santo Graal.

O salto seria perigoso se o acrobata não fosse hábil em sua arte. Mas o manejo da pesquisa histórica surge espontâneo como nos mais inspirados poemas que fizeste.

Acresce que o campo pesquisado, sobre ter seu cunho histórico, imbuído também se acha de forte conteúdo poético, qual o mistério que envolve o cálice da consagração do vinho na Ceia Larga e o recolhimento do sangue de Jesus por José de Arimatéia, na dilaceração do Coração de Cristo. Trazido para a Inglaterra e lá escondida essa preciosíssima peça, somente um cavaleiro sem mácula, leal e puro, defensor dos perseguidos e adversário dos déspotas, seria capaz de encontrá-lo. Daí a Távola Redonda do Rei Artur e seus cavaleiros, envolvidos todos na bruma da lenda e da mais legítima Poesia. Poesia que fizeste ressurgir, fulgurante e bela, nas páginas deste livro não muito volumoso mas de conteúdo abundante e rico.

Mister seria — e o fizeste com maestria e brilho — ressaltar o espírito da Idade Média, tão caluniada pelos inimigos da Civilização Ocidental Cristã, ela que, se pecados os teve, em contrapartida, fez surgir as grandes Universidades européias; que ergueu as belas Catedrais góticas; que ressuscitou a civilização grega — Platão através de Santo Agostinho, e Aristóteles por via de Santo Tomás —; que eliminou a escravidão, sem violência, através da instituição do sistema servil, meio-caminho para a libertação total do homem, que seria inapelavelmente alcançada; que elevou a mulher à dignidade de pessoa humana, pondo-a no justo lugar que Deus lhe destinou, sem os absurdos de uma submissão inconcebível ou os exageros de uma falsa libertação devastadora...

Não somos nós os proclamadores destas verdades, parece que deliberadamente olvidadas. O Renascimento, tão decantado por haver deslocado de Deus para o homem o centro do Universo, “rompeu com o centro espiritual da vida, arrancou-se à profundidade e passou à superfície”. Que ninguém se espante com estas contundentes expressões, que não são nossas, mas do historiador Nicolau Berdiaeff, em célebre obra que continua desafiando contestadores.

Não que o Renascimento tenha sido um mal em si, mas há mister distinguir o espírito renascentista de Dante e de São Francisco, denominado **Trecento**, daquele que viria depois, o quatrocento.

E este, a despeito de seu antropocentrismo, segundo refere o autorizado escritor aqui lembrado, “não se pode dizer que tenha espiritualmente elevado o homem: esvasiou-o”. Enfim, o que houve de positivo no Renascimento teve sua base na Idade Média, assim o assegura Berdiaeff, para quem “o homem penetrou no Renascimento com a experiência medieval, com a preparação medieval. E tudo o que houve de grandeza autêntica no Renascimento ligava-se de qualquer modo à Idade Média Cristã”.

Aliás, diga-se de passagem que esse lado antropocêntrico do Renascimento — e apenas esse seu aspecto se nos mostra merecedor de restrições — representa o primeiro elo quebrado da corrente cristã, seguido que foi pelo rompimento do aro relativo à própria doutrina, com o Protesto luterano; pela indiferença do sobrenatural quanto à vida sócio-política, com a Revolução francesa; e pelo combate ao ideal cristão nas atividades econômico-financeiras, com o Socialismo marxista. O mundo, então, enlouqueceu. Tudo isto são faces variegadas do individualismo, inimigo do personalismo, por mais contraditória que possa parecer esta aproximação entre uma coisa e outra, não passando o socialismo de uma aparente antinomia entre o que é individual e o que é pessoal. Berdiaeff percebeu, como ninguém mais, essa contradição, afirmando categoricamente que “o socialismo não é mais do que outra face do individualismo, o resultado da decomposição, da desagregação, individualistas. (...) O socialismo e o individualismo são igualmente hostis a uma concepção orgânica do mundo”.

Na Idade Média, pelo contrário, a idéia teísta punha equilíbrio em tudo e a submissão do homem a Deus, longe de amesquinhar a natureza humana, antes a glorificava e alcançava.

Vemos isto com meridiana clareza nas primorosamente elaboradas páginas de “O Santo Graal e a Literatura Fantástica da Idade Média”. Mergulha-se, lendo-as, no clima de mistério e poesia que

envolve a vida daqueles cavaleiros sem mancha em busca do cálice sagrado, numa ambientação tipicamente medieval, de feição muito mais positiva do que negativa, segundo o reconhece, por sua vez, Otto Maria Carpeaux: — “**A velha Idade Média** era obra de jovens bárbaros, de uma juventude cheia de promessas, cuja vitalidade abundante podia ser domada, pois que uma luz divina brilhava sobre o mundo”. E se um crítico de literatura e arte, de respeitabilidade universal, assim se expressou, não seria de admirar que um Poeta de altitude de um Fernando Pessoa indagasse:

*“Mas, que espada é que, erguida
Fez esse halo no Céu?
É Excalibur, a unguida
que o Rei Artur te deu.”*

Verdadeira a história do Santo Graal? Simples lenda arrebatadora? Pouco importa, pois, no dizer de Fernando Pessoa, “o mito é o nada que é tudo”.

Ou melhor, como confessa o Poeta pesquisador que hoje homenageamos, “afinal, só há, verdadeiramente, uma novidade — o eterno. E só uma grande e suprema realidade — o fantástico.”

Sinto que passou a hora de pôr termo a esta incontrolada louvação. E tanta coisa ainda a dizer do Poeta que nos brindou com dois títulos da maior importância cultural...

Seja-me, permitido, todavia, acrescentar, concluindo esta quadra de outro querido cantador de nossas coisas e de nossa gente:

*“E tamanha era a magia,
O poder dos versos seus,
Que a gente não definia
Se ele era um louco, ou se um Deus.”*

Serão os Poetas uns loucos? Serão eles deuses? Nem isto nem aquilo, meu caro e fraterno amigo Artur Eduardo Benevides. Ou ambas as coisas concomitantemente, a fim de que se cumpra o que Maritain disse a propósito do tema: — só dois tipos de homem ousam aproximar-se de Deus - o Santo e o Poeta.

O Santo, pelo reflexo de Deus que aos homens traz. O Poeta, pelo alcandoramento da humanidade às culminâncias divinas.

É este o teu destino: subir, subir e afinal contemplar a Divindade no seu duplo aspecto de três vezes Santo e de Poeta, representando-nos, a nós, prosaicos e limitados perseguidores da Beleza, junto à Suprema Sabedoria e à Infinita Bondade.